

ONTALI Q. RAÚF



A  
Carta  
COM O  
SELO  
Dourado

Da autora de:



Ilustrado por Pippa Curnick

BOOK  
SMILE

Para todas as crianças  
cuidadoras informais.  
Cada uma delas é uma heroína  
de mil maneiras diferentes.

Para o Abi, o meu antigo carteiro.  
E para todos aqueles que vão  
muito além do seu dever.

E para a Mãe e o Zak.  
Sempre.

*O selo postal é algo frágil  
Pouco mais espesso do que a asa de um escaravelho,  
E, no entanto, andará pelo mundo por ti  
Irá exatamente aonde lhe disseres para ir.*

– E. V. Lucas –

*... os maiores heróis são aqueles que cumprem o seu dever  
... enquanto o mundo gira...*

– Florence Nightingale –

## ÍNDICE

0.	O Início Antes do Início	11
1.	Atrás da Porta n.º 33	20
2.	O Quarto ao Cimo das Escadas	38
3.	O Carteiro Que Bate Sempre Três Vezes	55
4.	Uma Mensagem Numa Garrafa das Tartarugas Ninja	72
5.	A Inquisição Galesa	83
6.	Ordens do Médico	100
7.	A Outra Caixa de Sapatos	111
8.	Os Convites	121
9.	O Manual Universal do Roubo	133
10.	A Contrapartida	152
11.	Listas e Baldes	164
12.	Salva-vidas	179

<b>13.</b>	Carimbadora	189
<b>14.</b>	Correio Normal	199
<b>15.</b>	Forças Especiais Ultrassecretas	216
<b>16.</b>	Embalada, registada, enviada...	228
<b>17.</b>	Aterragem Desastrosa	242
<b>18.</b>	A Viajante do Comboio Fantasma	252
<b>19.</b>	Devolver ao Remetente	263
<b>20.</b>	A Carta Com o Selo Dourado	275
<b>21.</b>	Do Outro Lado da Rua	295



0

## O Início Antes do Início

Nunca tinha estado dentro de uma esquadra de polícia na vida real.

Só vi uma, na minha cidade, por fora. É toda castanha e cinzenta e tem um aspeto vazio. Também já vi algumas na televisão. Normalmente naqueles programas dramáticos em que toda a gente está sempre a chorar e a gritar ou então a fugir porque estão em apuros. A mãe chama-lhes «soaps», apesar de ninguém usar sabonete<sup>1</sup> algum. Nem mesmo quando têm a cara suja de lágrimas e maquilhagem, ou quando estão em fuga há dias e têm as mãos muito sujas. Tal como as minhas estão agora.

---

<sup>1</sup> Em inglês, telenovelas são «soaps», palavra que também significa sabão ou sabonete. [N. T.]

A esquadra de polícia onde estou não é nada parecida com as que vi na televisão ou com a da minha cidade. Tudo nela é brilhante e limpo, e é tão grande que me faz sentir como uma formiga presa num enorme copo de vidro virado ao contrário. Só que é um copo com muitos andares e elevadores. Havia agentes nas enormes portas de entrada por onde passei, perto de uma placa prateada gigante e cintilante onde se lia «NEW SCOTLAND YARD — POLÍCIA METROPOLITANA DE LONDRES», apesar de não estarmos na Escócia e de não haver um único pátio em lado nenhum, que eu veja.<sup>2</sup> O que o letreiro devia dizer era «PASSEIOS DE LONDRES», porque estamos em Londres e há passeios por todo o lado.

— Muito bem, quem é que temos aqui?

Encaro a agente da polícia diante de mim e o grande distintivo que ela tem no chapéu. O distintivo brilha no centro de uma faixa preta e branca que rodeia o chapéu, que combina com a gravata grossa e curta que ela leva posta. Parecem tabuleiros de xadrez sem peças.

— Estás muito longe de casa, Audrey — diz. — Muito longe do País de Gales. — As sobranceiras dela

---

<sup>2</sup> «NEW SCOTLAND YARD», traduzido à letra seria «NOVO PÁTIO DA ESCÓCIA». [N. T.]

sobem e desaparecem para dentro do chapéu, como se estivessem a andar num elevador invisível.

Faço que sim com a cabeça, fitando o chão em vez de a fitar a ela, de olhos postos no grande saco cinzento dos correios agora amarrotado no meu colo. Não o larguei desde que a polícia me apanhou. Os meus dedos não o querem largar.

— Bem, eu sou a Sargento Anita — diz a agente. — E esta é a Sra. Rogers. — A Sargento Anita aponta para a mulher atrás dela. — Está aqui para tomar conta de ti enquanto estiveres connosco, e para se certificar de que tens tudo aquilo de que precisas até te levarmos para casa.

A senhora chamada Rogers dá um passo em frente. Não parece ser um d'*Eles* — não usa farda, não traz uma pasta na mão, nem tão pouco tem um ar carrancudo e severo, ou vem cheia de perguntas horríveis. Sorri, tem olhos bondosos e uma cara redonda, e tem vestida uma camisola de lã, calças de ganga e o tipo de botas altas e brilhantes que a Mãe costumava usar antes de ficar doente.

— Olá, Audrey. O meu nome é Georgiana Rogers. Ou então Georgie. Por isso, podes chamar-me assim, está bem?

Assinto novamente, mas continuo a não conseguir olhar para nenhuma delas.

— Tal como a Sargento Anita disse, estou aqui para responder a quaisquer perguntas que tenhas e para te ajudar no que puder. Por isso, estás à vontade para me perguntar o que quiseses. Sim?

Desta vez nem sequer anuo. Em vez disso, aperto o saco com ainda mais força nas mãos.

— O que fizeste hoje foi incrivelmente perigoso — diz a Sargento Anita por cima de mim. Vejo os sapatos pretos e brilhantes dela darem um passo na minha direção. — Mas ninguém pretende apresentar queixa, nem nada do género.

— Não? — digo sem querer, e olho, surpreendida, para a cara da Sargento Anita. É longa e lustrosa, e os seus grandes olhos castanhos são tão brilhantes como os seus sapatos.

— Não — responde ela com um pequeno sorriso. — Não, de todo. Mas precisamos de saber *tudo* o que aconteceu até ao dia de hoje. O que nos contares fará parte daquilo a que chamamos um «depoimento», que será depois apresentado como parte dos nossos procedimentos formais.

Olho fixamente para a Sargento Anita, sem perceber bem o que ela está a dizer. *O que é que são «procedimentos formais»? E o que é que acontece quando terminam? Vou ficar com registo criminal mesmo que não apresentem queixa? Vão recolher as minhas impressões digitais? E se parte do que tenho para lhes dizer for tão mau que acabo na prisão na mesma, até ser muito velha e o meu cabelo ficar branco?*

— Sei que deves ter ficado muito assustada quando te trouxemos para aqui — continua a Sargento Anita. — Mas falámos com a tua mãe e ela vai mandar alguém buscar-te. Enquanto esperamos...

— Mas... Mas não há ninguém que me possa vir buscar — interrompo acidentalmente, lançando um olhar rápido ao saco e às minhas mãos sujas, e desejando que os meus olhos tontos não ardessem com as lágrimas. — A minha mãe... Ela não pode vir... E eu não tenho mais ninguém. A não ser que... — Engulo com força, para tentar engolir todos os meus sentimentos mais assustadores e poder dar lugar a outros mais esperançosos, e pergunto:

— É o meu *pai*? É ele que me vem buscar? Foi ele quem ela mandou?

— Vamos ter de esperar para ver — diz a Sargento Anita, a voz dela subitamente mais suave. — A tua mãe está a tratar de tudo e, assim que a pessoa responsável chegar, prometo que te aviso. Mas, enquanto esperamos por quem quer que seja, que tal contares-nos as situações que levaram ao incidente de hoje com o máximo de pormenores que conseguires? Exatamente o que aconteceu e porquê. Para que possamos ter um registo claro e correto de tudo.

— Parece-me uma ótima ideia — diz a senhora chamada Georgie. Baixa-se para que os seus olhos possam olhar diretamente para os meus, e sussurra: — O que é que achas, Audrey? Podes contar a esta senhora simpática o que aconteceu?

Penso nisso durante exatamente seis segundos. Se vou contar a minha história, tenho de começar pelo início.

Anuo lentamente.

— Muito bem. Segue-me, então — diz a Sargento Anita, enquanto começa a andar à minha frente.

— Você... vai ficar comigo o tempo todo? — pergunto à Georgie.

— Sim — responde ela. — O tempo todo. Não te deixo até estares num carro a caminho de casa. Prometo.

Não sei bem porquê, mas acredito nela. Talvez seja porque ela tem um olhar meigo e caloroso — um pouco como o da Mãe — que parece dizer a verdade. Ou talvez seja porque não tenho outra hipótese. Agarro-me com ainda mais força ao saco, levanto-me e sigo a Sargento Anita.

Fazendo uso de um cartão especial que apita e nos faz passar por muitas portas, a Sargento Anita conduz-me a uma sala que tem uma mesa e algumas cadeiras. Nas paredes há muitas fotografias coloridas de polícias, que sorriem como se não fossem polícias mas sim pessoas num anúncio de pasta de dentes. E em cima da mesa está uma caixa preta com imensos botões. Apetece-me carregar logo neles todos.

— Audrey, porque não te sentas ali? — sugere a Sargento Anita, indicando-me uma cadeira. Sento-me, com vontade de correr o caminho todo até casa. Mas depois apercebo-me de que já não vou ter para onde correr. *Eles* agora vão descobrir tudo, de certeza, e vão levar todos os que amo para longe de mim. E a culpa é toda minha... Só de pensar nisso, sinto como se a minha barriga fosse uma piscina para onde estão a atirar bolas de papel amassado.

— Bem, comecemos pelo início, sim? — sugere a Sargento Anita. Tira o chapéu e coloca-o sobre a mesa, e abre um bloco de notas grande e fino, cheio de rabiscos e setas e, ao centro, um grande ponto de interrogação. Ao ver-me a observá-lo, sorri e vira a página para uma folha em branco. — Bom, enquanto falas, vou tomar algumas notas. Mas também vamos gravar esta conversa, para termos a certeza absoluta de que as minhas notas não têm nada de errado. Está bem assim para ti?

Olho para a senhora Georgie, que me responde com um aceno de cabeça.

Eu imito-a e anuo de volta à Sargento Anita.

— Estás pronta? — pergunta a Georgie, a olhar para mim. — Lembra-te de que, se quiseres parar a qualquer momento, ou beber qualquer coisa ou fazer uma pausa para ires à casa de banho, só tens de nos dizer. Está bem?

Faço que sim com a cabeça mais uma vez.

A Sargento Anita carrega num botão da caixa preta, que faz acender uma pequena luz vermelha, e depois de dizer a data, a hora e todos os nossos nomes, olha para mim.

— Quando quiseres, Audrey. Começa por onde te apetecer.

A Georgie também olha para mim, de sobrancelhas levantadas, esperançosa. Afasto o olhar delas e pouso o saco em cima da mesa, ainda a segurá-lo com força. Desde que me mantenha agarrada a ele, vai correr tudo bem.

— Por onde quiser? — reconfirmo.

— Isso mesmo — responde a Sargento Anita. — Por onde quiseres.

De olhos fixos nos meus dedos e depois nela, abro a boca e espero que as palavras saiam. Ao início não sai nenhuma. Ficam presas num engarrafamento na minha garganta. Mas, então, penso na Mãe e no quanto preciso de voltar para ela e de fazer tudo para que não piore, e de pedir as *desculpas* mais sentidas que alguma vez pedi na minha vida, e o engarrafamento começa a andar e a apitar, e então todas as palavras de que preciso saem à velocidade máxima da minha boca.

— Hum... Bem... Acho que tudo começou com a casa do outro lado da rua. E com o espião que lá vive.



# 1

## *Atrás da Porta n.º 33*

— Vivo na mesma rua desde o dia em que nasci. Fica mesmo no meio de Abertawe. Os ingleses chamam-lhe «Swansea». Conhecem? Já lá estiveram?

Tanto a Sargento Anita como a Georgie abanam a cabeça em negação, de uma forma que me faz pensar que talvez não tenham estado em nenhuma parte do País de Gales, muito menos na zona onde vivo.

— Swansea é uma cidade, mas não é como Londres. Não temos grandes teatros, edifícios da realeza ou praças cheias de luzes. Temos apenas a Plantasia e o mercado. Ah, e a nova ponte dourada também. Mas temos as melhores praias que alguém pode desejar. E as encostas são tão íngremes e altas que os carros fazem um barulho estridente ao subi-las e um alegre «Uiiiiiiiiii!»

ao descê-las, e as casas parecem todas estar a surfar em cima de ondas feitas de betão. Nunca vivi em mais lado nenhum, por isso conheço toda a gente na minha rua e o que fazem, e é exatamente assim que eu gosto. Bem, isto é, *costumava* conhecer toda a gente. Mas depois disso mudou. E foi mais ou menos aí que tudo começou, e o que me levou a vir para cá e a ser presa.

— Nós não te prendemos — corrige rapidamente a Sargento Anita. Passa-se qualquer coisa de estranho com os lábios dela. Parece que estão a tentar fazer o nariz dela espirrar, e o nariz dela está a resistir. — Só queremos esclarecer a sequência dos acontecimentos que te trouxeram até aqui, mais nada. Por favor... continua. Quando é que essa mudança ocorreu?

Agarrando-me ao saco cinzento com força, uso os dedos para me tentar lembrar de há quantas semanas tudo isto começou. Não tenho jeito para datas e para encaixar dias em semanas, por isso desisto e digo:

— Tenho a certeza de que foi no segundo dia das últimas férias da escola. Lembro-me disso porque as férias são um bocado aborrecidas quando não se pode ir a lado nenhum, por isso estava sempre a olhar pela janela. Foi nessa altura que o vi pela primeira vez.

O carro que apareceu como que por magia no lugar de estacionamento em frente à casa, a que fica mesmo defronte da nossa, do outro lado da rua. — Paro para ver a Sargento Anita a escrever qualquer coisa antes de voltar a olhar para mim.

— Estás a falar das férias de fevereiro, Audrey? Ou das férias de Natal?

— As de fevereiro — respondo. — O Kavi diz que são férias falsas, porque é só uma semana e não duas, e que foram os professores que as inventaram para poderem comer todos os chocolates que recebem no Dia dos Namorados em segredo. Isso é verdade?

A Sargento Anita sorri e abana a cabeça.

— Que eu saiba, não. — Faz uma pausa e depois diz: — Reparaste num carro novo na entrada da casa do teu vizinho. Porque é que achaste que isso era estranho?

— Bem, acho que não achei logo que era estranho. Mas, passados uns dias, achei. Porque, desde o dia em que apareceu, nunca foi usado, nem uma vez. Porque é que se tem um carro se nunca o vamos conduzir? E as cortinas da casa também estão sempre fechadas, mesmo durante o dia, e nunca se vê luz ou se ouve barulho. Ninguém viu uma única pessoa entrar ou sair

pela porta da frente, que é vermelha e brilhante... Nem mesmo o nosso carteiro.

» Sei disso porque vigiei a casa e o lugar de estacionamento na entrada durante as férias e, quando as aulas recomeçaram, contei tudo aos meus dois melhores amigos, a Inara e o Kavi. Nunca tinha tido nada de entusiasmante para lhes contar. Debateram muito sobre quem poderia ser a pessoa, e depois decidiram que a casa havia sido tomada por um bando de ladrões, que iam roubar a rua inteira até ficarmos todos cegos, por alguma razão. E que mantinham as cortinas fechadas para impedir que as pessoas os denunciassem à polícia e vissem todo o seu equipamento de alta tecnologia, como os walkie-talkies, os sacos grandes e aqueles ganchos pontiagudos com cordas na ponta que os ladrões usam para escalar edifícios.

» Os meus irmãos mais novos, o Peck e a Kat, que são gémeos mas não se parecem nem um bocadinho, achavam que a casa estava assombrada. O Peck achava que estava assombrada por um fantasma com um lençol branco. E a Kat achava que estava assombrada por um grupo de monstros peludos que gostavam de comer os jardins das pessoas. Quando os ia buscar à escola,

depois do dia em que o carro apareceu, ao passar pela casa corriam sempre o mais rápido que conseguiam, como se estivessem a ser perseguidos. Era engraçado vê-los a fazer isso. Principalmente porque só têm 4 anos e as pernas são tão curtas que, quando correm, parecem pinguins prestes a cair a qualquer momento.

» Mas eu sabia que as pessoas que se mudaram para lá *não* eram fantasmas nem monstros, porque sou demasiado crescida para acreditar nessas coisas. Nenhum miúdo de 9 anos resistiria se acreditasse numa coisa assim. E, como disse ao Peck e à Kat, mesmo que os fantasmas e os monstros *existissem*, duvido que dessem muita utilidade a um carro!

» Também tinha a certeza de que não era um bando de ladrões como a Inara e o Kavi pensavam, porque isso também não fazia sentido. Nenhum ladrão, nem que tivesse meio cérebro, passaria semanas a planear um assalto a uma casa velha e aborrecida numa rua velha e aborrecida do País de Gales. Não na nossa área. Não valeria a pena. A não ser que andassem à caça de televisores antigos, ou talvez daqueles estranhos animais de cristal que a Sra. Christela, do n.º 27, coleciona. Além disso, o carro deles tinha matrícula e, se vocês

quisessem, podiam usar as vossas câmaras secretas de vigilância espã para os localizar e descobrir quem eles são. Não podiam? — pergunto.

Parece que os lábios da Sargento Anita se esforçam ainda mais para a fazer espirrar, mas ela resiste e diz:

— Aaa, hum. Sim... Tenho a certeza de que sim.

— Eu sabia — sussurro, e digo ao meu cérebro para se lembrar de dizer ao Kavi e à Inara que eu tinha razão. — Seja como for — digo, continuando —, odeio não saber das coisas. Especialmente coisas importantes, como quem está a viver do outro lado rua onde moro. Eu sabia que quem estava lá dentro não era um fantasma, um monstro ou um ladrão. A *minha* hipnose disse-me que quem estava naquela casa era, na verdade... um espã. — Espero que a Sargento Anita anua, mas, em vez disso, ela olha para a Georgie com as sobranceiras franzidas.

— A tua... «hipnose», Audrey? — pergunta a Georgie. — O que é que queres dizer com isso?

Franzo o sobrolho às duas.

— É quando o nosso cérebro arranja uma maneira de explicar as coisas — respondo, surpreendida por elas não saberem. Não é suposto os adultos saberem todas as palavras? — Foi a minha hipnose. O meu palpite.

— Ah! Queres dizer *hipótese* — replica a Sargento Anita. Assim que ela o diz, sei que disse a palavra errada.

— Oh! Sim, era isso que eu queria dizer. — Depois, inclino-me para a máquina e digo:

— Apague isso dos registos, Meritíssimo — tal como fazem na televisão, e continuo. — O meu palpite hipotético dizia-me que era um espião agente secreto invisível, que se mudou para o outro lado da rua só para me poder espiar a mim, ao Peck, à Kat e à Mãe. Não tinha provas, não naquela altura. Era só um pressentimento que tinha sempre que olhava para a casa e via todas aquelas janelas escuras. O meu trabalho é saber absolutamente tudo, porque saber tudo é a única forma de manter a minha família, e o nosso segredo, a salvo.

— O vosso segredo? — pergunta a Sargento Anita, com um ar extremamente interessado. A Georgie também se aproxima.

Faço que sim com a cabeça. É estranho ser ouvida por duas adultas ao mesmo tempo. Normalmente, já é difícil fazer com que apenas um adulto me ouça com atenção.

— Eu ainda não cheguei à parte em que vos digo qual é — declaro.

— Ah! Compreendo — responde a Sargento Anita.  
— Leva o tempo de que precisares.

— E lembra-te, também não tens de dizer nada que não queiras dizer — acrescenta a Georgie, com uma cara muito séria.

Quando me lembro de onde tinha parado, continuo.

— Então, o nosso segredo. Aposto que, por ser da polícia, tem de manter muitas coisas em segredo, por exemplo, coisas sobre crimes e assim. Provavelmente também está treinada para isso. Eu sou boa a guardar segredos, mesmo sem treino. E não é só isso, também tenho de fazer com que os meus irmãos mais novos guardem o nosso segredo. Mas isso tornou-se mais difícil quando o espião se mudou para a casa em frente, porque parecia que estávamos a ser observados a toda a hora.

» Em três anos inteiros, não houve uma única pessoa a descobrir o nosso segredo. É por isso que somos tão bons a fingir que está tudo bem, mesmo nos dias maus. Na verdade, se eu fosse uma atriz da vida real em Hollywood, acho que ganharia todos os prémios, mesmo aquele que *toda a gente* quer, em que se recebe aquela estatueta pequenina do senhor chamado Óscar.

Porque se representar é só fingir ser uma coisa que não se é, então eu sou definitivamente uma das melhores atrizes do planeta. E mais! Não faço apenas um papel, faço todo o tipo de papéis diferentes, todos os dias. Aposto que os verdadeiros atores e atrizes não fazem isso.

» Quando penso nisso por mais de cinco minutos, acho que a minha mãe e o meu pai deviam saber que eu ia ser atriz. E o Peck e a Kat também. Deve ser por isso que nos deram o nome das estrelas de cinema preferidas da minha mãe, aquelas que viveram há centenas de anos e atuaram em filmes antigos a preto e branco que foram filmados antes de os efeitos especiais serem inventados. O meu nome é em homenagem a uma mulher chamada Audrey Hepburn, o do Peck é em homenagem a alguém chamado Gregory Peck e o da Kat é em homenagem a uma Katharine Hepburn, que eu acho que pode ser tia da Audrey ou algo do género, mas não tenho bem a certeza. A mãe vê filmes antigos a toda a hora, o que significa que eu também os vejo a toda a hora. Gostava de ter um nome fixe de super-heroína... tipo Storm. Ou Raven. Ou T'challa. Quem é que já ouviu falar de uma super-heroína chamada «Audrey»? Pois é, ninguém.

» Seja como for, uns dias depois de o carro ter aparecido do outro lado da rua, falei à Mãe um pouco sobre os novos vizinhos e sobre como nunca ninguém os viu. Mas não lhe disse que achava que eram espiões, porque não queria que ela ficasse preocupada. Esse é o meu outro trabalho, sabem? Além de saber tudo, tenho de garantir que a Mãe não se preocupa demasiado com as coisas. Não lhe faz bem. Se pensa e se preocupa demasiado, as mãos tremem-lhe muito e a respiração dela faz barulho, e isso assusta-nos. Por isso, só lhe digo o que tenho mesmo de dizer e o resto tento resolver sozinha.

» Depois de o espião invisível se mudar para lá, passei duas semanas inteiras a espiá-lo. Todas as noites, depois de ajudar a Mãe a vestir-se para ir para a cama, de preparar todos os medicamentos para o dia seguinte e de verificar se o Peck e a Kat já tinham adormecido, ia diretamente para a janela da sala e usava o rolo do papel de cozinha para o vigiar. Já alguma vez usaram um tubo de rolo de papel de cozinha para espiar pessoas? Dá muito trabalho, especialmente quando o rolo ainda tem muito papel. Mas não importava quão cansada estivesse, ou quantos trabalhos de casa ainda não

estavam terminados, ou quantas vezes a minha barriga roncava porque ainda tinha fome, tinha de esperar e vigiar e tentar ver quem vivia na casa em frente, para que pudéssemos deixar de nos preocupar. Mas, ao fim de duas semanas inteiras de tentativas, continuava a não ter uma única pista.

» No dia seguinte, quando estávamos a sair da escola, contei à Inara e ao Kavi que ainda não tinha visto ninguém sair da casa e a Inara disse que talvez pudessem ser trabalhadores dos cemitérios como o pai dela, e não ladrões. Antes, ela pensava que o pai dela era como o Batman, porque só saía à noite e dizia que ia «combater o crime». Mas depois descobriu que ele trabalhava como segurança do cemitério, no turno da noite, o que fazia com que ele não fosse, de certeza, o Batman.

» A Inara é muito inteligente, mas gosta de fingir que é só normalmente inteligente como o resto das pessoas. Tem olhos castanhos, grandes e redondos, e uma montanha de caracóis que a fazem parecer um urso a sacudir água do pelo sempre que abana a cabeça em frente a alguém. Coça sempre a parte lateral do nariz quando acha que tem razão (o que acontece a toda a hora). E tem uma cicatriz mesmo por cima da

sobrancelha direita, de quando foi contra uma parede a andar de bicicleta. Já passaram anos desde que ela descobriu que o pai dela não era nem um bocadinho parecido com o Batman e que, na verdade, era um segurança noturno, mas ainda não ultrapassou isso. Por isso, quando lhe contei a minha ideia de que os vizinhos invisíveis eram espões, ela abanou os caracóis, coçou o nariz e disse: «Estou-vos a dizer. São trabalhadores do cemitério, de certeza.»

» «OU são ladrões, como eu disse antes, e estão a vigiar a rua», disse o Kavi. Estava a mascar um rebuçado de fruta em círculos grandes e redondos, como uma vaca a mastigar erva. O Kavi acha que todos os doces com sumo de fruta contam como uma das cinco frutas e legumes da sua dose diária. Pelas contas dele, come pelo menos 50 por dia, e é o miúdo mais saudável do País de Gales. Sempre que alguém quer um rebuçado de fruta, daqueles moles, vai ter com o Kavi. Ele é famoso por ter sempre pelo menos três pacotes com ele. O Kavi tem cabelo preto brilhante, que parece um cortinado, dentes brancos enormes, que lhe saltam da boca sempre que sorri, e é o rapaz mais baixo da nossa escola. Também é o mais barulhento.

» Ele disse: «Ouviste falar daqueles ladrões em Cardiff que levaram joias no valor de 50 *milhões* de libras? As notícias dizem que eles se esconderam algures com os diamantes todos. E se eles estiverem escondidos aqui mesmo em Abertawe, naquela casa que fica do outro lado da tua rua? Não estamos assim tão longe de Cardiff, sabias?»

» Mas depois a Inara disse: «Não eram 50 *milhões*! Eram joias no valor de 50 libras. E eles já foram apanhados.»

» E o Kavi disse: «Não, não eram! Porque é que um ladrão levaria 50 libras de joias? Eles não são estúpidos!»

» «Foram suficientemente estúpidos para serem apanhados!», lembrou-lhe a Inara. Veem, eu disse-vos que ela era esperta.

» Mas o Kavi não estava convencido: «Provavelmente há alguém a esconder-lhes o material até conseguirem sair da prisão. O meu pai está sempre a dizer que temos de ter cuidado em relação aos vizinhos. Temos de ter *ujolhos* bem abertos com os vizinhos.»

» «Os quê?», perguntámos eu e a Inara ao mesmo tempo.

» «Ujelhos! Isto!», exclamou o Kavi, a apontar para os próprios olhos.

» «Diz-se “os *olhos*”», corrigiu a Inara, a coçar de novo o nariz. «Tens de ter os olhos abertos!»

» «Naa, isso soa estúpido. “Ujelhos” soa muito melhor.», argumentou o Kavi, apesar de saber que provavelmente estava errado. Ele detesta ser corrigido pela Inara, se calhar mais do que detesta salada, e olhem que ele odeia MESMO salada. Acha que os legumes devem ficar onde foram encontrados, na terra.

» A Inara também ia acrescentar alguma coisa, mas depois chegou a carrinha dos gelados. Ela adora os gelados das carrinhas de gelados, mais do que qualquer outra coisa no planeta. Se houvesse um incêndio ou um apocalipse zombie, ou algo do género, aposto o que quiserem em como a Inara correria diretamente para a carrinha de gelados mais próxima que encontrasse e pediria um 99 com molho de morango e nozes extra, antes mesmo de tentar lutar contra os zombies ou apagar o fogo.

» Por isso, assim que a Sra. *Covinhas* e a sua carrinha de gelados apareceram, a Inara e o Kavi fugiram para se juntarem à multidão à volta dela. Sra. *Covinhas* não

é o nome verdadeiro da dona da carrinha de gelados, ela chama-se, na verdade, Sra. Havens. Mas toda a gente lhe chama Sra. *Covinhas*, porque as suas bochechas têm as covinhas mais profundas do País de Gales, como se a cara dela fosse uma taça de gelado da qual alguém tirou duas colheres. Sempre quis poder ficar e comer um gelado também, mas tenho de ir buscar o Peck e a Kat à escola todos os dias. E, seja como for, também não temos dinheiro suficiente para coisas boas como gelado.

» Quando era pequena, costumava importar-me por não poder fazer todas as coisas que os meus amigos faziam. Mas agora só me concentro no que é importante: chegar a casa o mais depressa possível. Estou sempre preocupada com a Mãe e a pensar se ela estará bem. Houve duas vezes em que cheguei a casa e descobri que não estava, e pensei que a minha vida tinha acabado, por isso tento sempre chegar a casa rapidamente.

» Disse adeus ao Kavi e à Inara, peguei no Peck e na Kat e fomos a correr para casa. Estavam a contar-me tudo sobre os desenhos que fizeram na aula, quando, de repente, a Kat me puxou pelo braço e gritou: «Olha, Ó-diiii!». É assim que ela me chama, «Ó-diiii!», porque nunca consegui dizer bem o meu nome. É o *pior* nome

que se pode chamar a alguém, mesmo que seja dito pela nossa irmã mais nova, mas, felizmente, já estávamos na nossa rua quando ela o disse naquele dia, por isso não havia ninguém da escola por perto.

» «Olha! Estão-se a mexer, estão-se a mexer! Os monstros estão-se a mexer!»

» Parei e olhei na direção para onde a Kat estava a apontar. Apontava para a casa do outro lado da rua. A que tinha os espiões invisíveis. Ou talvez ladrões. Parei e fiquei a olhar, mas não conseguia ver nada nem ninguém. «Não há nada ali», disse eu à Kat. «Mas mexeeeeeu-se», lamentou ela, enquanto o Peck anuíu. «O que é que se mexeu?», perguntei. «Os *cutinados*», respondeu a Kat, puxando-me de novo pelo braço. «Os *cutinados*, os *cutinados*!»

» Esperei e fiquei a olhar durante mais alguns segundos, mas não vi nada. «Vá lá», disse eu, sem acreditar muito nela. Às vezes, a imaginação da Kat é tão fértil que a faz ver coisas que não existem. No mês passado, pensou que toda a comida no refeitório estava a gritar porque não queria ser comida. Mas, na verdade, eram construtores no telhado a usar uma máquina qualquer.

» Puxei-os, a ela e ao Peck, pelo nosso jardim da frente, até casa. Gostava que o nosso jardim fosse como os de toda a gente na nossa rua, todo arranjadinho, limpo e florido. Mas, à exceção de um pequeno arbusto que dá flores cor de laranja sempre que lhe apetece, tudo no nosso jardim está praticamente morto. Até o pequeno quadrado de relva parece palha. Isto significa que a nossa casa sobressai muito, o que não é bom quando estamos a tentar ser iguais aos outros. Um dia vou arranjá-lo. Até lá, a melhor coisa do exterior da nossa casa é a porta da frente, que é azul. O pai pintou-a quando eu era mais pequena, e ainda me lembro de ele me deixar segurar no pincel.

» Abri a porta e gritei «Mããããããe! Chegámos!», como faço sempre. A Kat correu logo lá para cima, a gritar «MÃE! Pinte com o amarelo!» e o Peck gritou logo a seguir a ela «NÃO! ERA LALANJA!» Lembro-me exatamente do que eles disseram *nessa* altura, porque foi nessa altura que *aconteceu!* O Peck estava a gritar e eu estava a fechar a porta, quando olhei lá para fora durante um segundo. E vi! Um par de binóculos a olhar para mim desde uma abertura no cortinado do andar de baixo. Foi só durante meio

segundo, e depois desapareceram, como se quem me observasse se quisesse esconder.

» Um segundo mais tarde e eu não teria visto. Mas a Kat tinha razão, *estava* lá alguém... E eu também estava certa. Quem quer que fosse, estava a espiar-nos.

» Não sabia o que fazer, por isso, fechei rapidamente a porta e rodei a chave para a trancar, a pensar no que quereriam de mim, da Kat, do Peck e da Mãe! Ou, como toda a gente na nossa rua nos chama, «da família atrás da porta n.º 33».

Uma história sobre amor e coragem, e sobre como pedir ajuda pode fazer toda a diferença.

Antes de ficar doente,  
a minha mãe costumava ajudar-me  
a colecionar selos. Agora que perdeu  
o emprego e os amigos, o meu trabalho  
é cuidar dela e dos meus irmãos.

Tenho de manter a doença da Mãe  
escondida de todos, especialmente do  
estranho da casa em frente. Acho que pode  
ser um d' *Eles*, os que afastam as crianças  
das mães quando ficam doentes...

Preciso de encontrar uma forma  
de salvar a Mãe, e graças à minha  
caixa de selos, acho que sei como...  
mas vou precisar de ajuda!

Também vais adorar ler estes:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt

penguinkidspt

9+

ISBN: 978-989-583-055-8



9 789895 830558